

Simonsen: País desperta a atenção dos banqueiros

Da sucursal do
RIO

O ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, afirmou ontem, no Rio, que os banqueiros internacionais estão olhando com atenção a situação econômica do Brasil, sabem das suas dificuldades, mas acham que o País está fazendo um esforço bastante sério para resolver seus problemas. Simonsen voltou dos Estados Unidos certo de que a imagem da economia brasileira "está excelente", no momento, tanto na costa Leste como na costa Oeste do País.

"O superávit comercial que se conseguiu acumular nos últimos meses é um resultado considerado muito animador. E creio que, se há um problema que não existe no momento, é de dúvidas quanto à viabilidade econômica do Brasil e do seu desenvolvimento", acrescentou.

Mário Henrique Simonsen participou, na Califórnia, de um seminário sobre o Brasil, promovido pelo Índice Banco de Dados, Banco do Brasil, Banespa e Varig. O encontro, que reuniu empresários e banqueiros de vários países, teve resultados positivos, segundo o ex-ministro.

"O Brasil desperta um interesse muito grande na costa Oeste dos Estados Unidos, onde ainda é pouco conhecido porque há pouca informação a seu respeito. Apesar disso, verifiquei que já se tem feito alguma coisa para incrementar, e com pretensões muito gran-

des, as relações de comércio com o Brasil", observou.

Há uma ligeira queda nas taxas de juros internacionais, segundo Simonsen, "mas nos Estados Unidos ela não chega a ser uma queda de juros em termos reais, porque a sua taxa de inflação também caiu um pouco". Dessa forma, na sua opinião, a taxa de juros "ainda está muito alta".

ORÇAMENTO

Simonsen entende que o comportamento das taxas de juros internacionais dependerá do que seja o resultado do orçamento americano: "Atualmente há muitas dúvidas sobre o que será o desempenho desse orçamento no próximo ano fiscal. Houve um corte de impostos, há um aumento de despesas militares e o presidente Reagan tem um programa de cortes em vários serviços de natureza social, como a Previdência Social. Mas não se sabe se o Congresso aprovará ou não esse programa".

Todo o futuro da taxa de juros, para o ex-ministro, está um pouco ligado ao que acontecerá com o déficit do Tesouro e com a política monetária norte-americana. "Aparentemente — acrescentou — a Reserva Federal deseja manter uma política monetária extremamente restritiva, como a que está mantendo agora. Se, no entanto, for possível conjugar isso com o déficit do Tesouro reduzido, então o Tesouro não precisará lançar tantos títulos ao público, como está fazendo no momento, e isso permitirá uma baixa na taxa de juros".